

BRICS E PANDEMIA: RELAÇÕES E NEGACIONISMO ESTRUTURAL

BRICS and the pandemic: relations and structural negationism

Claudio Noel de Toni Junior

Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro – São Paulo

Email: junior_toni@terra.com.br

RESUMO

O presente artigo possui como atributos de investigação, a continuação do diálogo de Toni Junior (2014) sobre globalização e tendências do BRICS, no que tange duas vertentes: o neo-regionalismo mencionado por Hurrell (1995), onde mostra o ressurgimento do regionalismo na política mundial, onde os mais fortes detêm a hegemonia, bem como as particularidades destas nações tão distantes da realidade cultural, econômica e de progresso técnico está fazendo para conter a disseminação do Sars- Covid 19 neste momento, o que já foi feito até o presente e seu desenrolar durante o ano de 2020, ao mostrar realidades opostas entre as nações e sua realidade e qual é fundamentalmente o norteador que mantém o bloco, dada as discrepâncias e mudanças governamentais nos países que o compõe na nova ordem mundial de blocos regionais com embasamento do novo neo-regionalismo mundial e sua real eficácia na ajuda e na cooperação econômica e social entre as nações nesta época onde o mundo “parou” em razão de um vírus.

Palavras chaves: Neo-regionalismo, BRICS, Pandemia. Globalização. Dinâmica de Integração Regional.

ACEITO EM: 15/02/2023

PUBLICADO: 31/03/2023



BRICS AND THE PANDEMIC: RELATIONS AND STRUCTURAL NEGATIONISM

BRICS e pandemia: relações e negacionismo estrutural

Claudio Noel de Toni Junior
Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro – São Paulo
Email: junior_toni@terra.com.br

ABSTRACT

The present article has as attributes of investigation, the continuation of the dialogue of Toni Junior (2014) on globalization and BRICS tendencies, regarding two aspects: the neo-regionalism mentioned by Hurrell (1995), where it shows the resurgence of regionalism in the world politics, where the strongest hold the hegemony, as well as the particularities of these nations so far from the cultural, economic and technical progress reality it is doing to curb the spread of Sars-Covid 19 at this time, which has been done to date and its development during the year 2020, by showing opposite realities between nations and their reality and which is fundamentally the guiding principle that keeps the bloc, given the discrepancies and governmental changes in the countries that compose it in the new world order of regional blocs based on the new world neo-regionalism and its real effectiveness in aid and economic and social cooperation between nations at this time where the world “stopped” due to a virus.

Keywords: Neo-regionalism, BRICS, Pandemia. Globalization. Dynamics of Regional Integration

INTRODUÇÃO

O surgimento do BRICS poderia ter como intenção a inter-relação econômica por meio de parcerias mútuas entre aspectos econômicos de países em desenvolvimento de trocas comerciais dada a diversidade de produção no comércio mundial em relação as importações e exportações dos países, onde sua diversidade poderia ser um fator positivo para que houvesse uma dinâmica de cooperação além do aspecto econômico, indo para o lado humanitário, da cooperação para o paz mundial, transferência de tecnologias e aprendizado com mão de obra capacitada entre as nações.

São países diferentes em sua estrutura política, histórica e econômica e que vivem momentos ora parecidos, ora semelhantes no cenário mundial atual, do novo realismo da globalização mundial.

São parecidos, pois são países que são considerados países emergentes na economia global, qual sejam países em desenvolvimento, são nações onde na maioria possuem grandes populações do globo ou em seus territórios, as ambições da conquista de uma cadeira no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSOU), Brasil e Índia possuem uma agricultura de grande impacto para sua economia no que tange a exportação como o arroz e o trigo, que poderia ser interessante para a Rússia, mas exportam mais para países de fora do bloco como a China e os Estados Unidos (TONI JUNIOR, 2014).

Outra questão que se levanta é que após a Guerra Fria, o conflito entre as potências hegemônicas terminou, mas suas rivalidades internas se perceberam sempre nos dias após o fim, até hoje, e qual o motivo do Brasil ter se alinhado a Rússia dissidente da ex. União Soviética, concorrente dos Estados Unidos, nos faz refletir que o bloco possui, caso tivesse mais efetividade de existir cooperação em termos de redução de tarifas, maior dinamismo exportador- importador, disseminação da cultura por meio de intercâmbio, acesso a pessoas em seus territórios para trabalhar e convênio de mão de obra para aquisição de novas tecnologias parceiras entre os países, mas isto está longe de acontecer.

Percebem-se interesses de tempos em tempos quando interessam as nações sua disseminação e muda, por exemplo, com os governos que compõe cada país em determinado período de tempo. Havia maior cooperação do Brasil em governos anteriores no campo comercial, do que hoje, onde a governança está nas mãos da extrema direita, contrária ao socialismo russo e contrário a política chinesa, como se vê de forma corriqueira pela mídia através de ataques de deputado, filho do atual presidente do Brasil, a China sem qualquer evidência científica, acusando o governo chinês de disseminar de forma “propositiva” o coronavírus pelo mundo, para ter privilégios comerciais.

Acusações, que já sabendo da debilidade do governo atual brasileiro, a China, se manifesta por meio de sua embaixada em Brasília, com censura aos ataques sem provas de políticos brasileiros, porém não se viu até o momento sanções efetivas chinesas ao comércio entre os dois países, sendo a China, o maior destino de produtos brasileiros, talvez até agora a China, sabendo que o Brasil possui um governo perdido em suas ações de cooperação, a qual o mundo discute, não tenha dado valor aos ataques diplomáticos por parte do presidente brasileiro e de seus filhos que ocupam cargos importantes no legislativo nacional (REVISTA ELETRÔNICA, 2021).

Nos dias atuais estamos atravessando percalços não apenas na Economia, mas de forma a reinventar um novo normal, com a disseminação do novo coronavírus, e se vê até o início do mês de janeiro de 2021, tendências opostas de não cooperação da vacina entre os países do bloco como poderia ser, visto que Índia, China e Rússia estão em estágio mais adiantado na iminização de seus nacionais em relação a Brasil e África do Sul, mas ao observar os dados da Organização Mundial da Saúde, vemos que países do bloco estão entre os maiores impactados em termos de contágio e óbitos do vírus, sendo a Índia o segundo país com mais de 10 milhões de casos e o Brasil, o segundo país em números absolutos em óbitos e a Rússia, estando entre os 6 países do mundo entre contagiados e mortes, uma realidade não cooperativa e tampouco mútua de ajuda entre seus pares (OMS, 2021).

1 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização do artigo, o mesmo terá como base o artigo do autor em 2014 sobre o bloco, a qual tange considerações de cooperação econômica e dados de cada país e por meio deste, dialogar, o que tem mudado nas relações entre os países na nova integração regional, do novo realismo de Hurrell (1995).

Para tanto serão usados além dos autores e obras citadas, referências bibliográficas de artigos científicos, e dados dos países com relação à temática que mais preocupa os pesquisadores não apenas como pesquisa e sim como fator humanitário de todas as ciências que é o coronavírus, suas reações e perspectivas do novo normal e por fim realizar uma análise crítica sobre a real efetividade do Brics para o Brasil, o que poderia ter sido realizado, sendo que o mesmo pode ser melhor coordenado por meio de benefícios mútuos entre as nações que o compõe e não ser um mero espectador de uso de procedimento de praxe, com alterações significativas quando se altera grupos e elites de poder.

2 DISCUSSÃO

Criado por Jim O'Neill em 2009, o BRICS não se insere em bloco econômico, sendo inicialmente formado por quatro países: Brasil, Rússia, China e Índia, era conhecido como BRICs com o s minúsculo. Na copa do mundo de 2010, sediada na África do Sul, o país ingressa no bloco e passa a se chamar BRICS.

Com reuniões anuais, a qual duas ocorreram no Brasil, a intenção de sua implementação é de ser um bloco que potências emergentes com interesses comuns, fato este que tonou-se a China o maior parceiro do Brasil em exportações, porém seus dados impressionam qualquer outro bloco, visto ter mais de 25% da área total do planeta, 43% da população mundial e 25% do PIB mundial, outro fator é que possuem 45% da força de trabalho do mundo em conjunto, porém tais dados de “imponência” não se traduziu por ora em benefícios para reduzir as desigualdades sociais internas em cada país, tampouco ajuda mútua entre as nações na aquisição e importação de força de trabalho, redução de tarifas de importação e atração comercial com redução de tarifas e barreiras competitivas e igualitárias para todos os países do bloco, especialmente para o mais pobre, a África do Sul.

Este fator pode ser explicado pelo domínio da China, no comércio mundial, sua liderança na produção e barreiras impostas pelo país na entrada de produtos, exceto aqueles onde a China não é auto-suficiente, logo se percebe uma disparidade de comercialização entre os países do bloco em termos comerciais, o que se tem visto até o momento são reduções de tarifas de alguns produtos, mas não um bloco econômico igualitário.

Outro dado importante foi a criação do Banco do BRICS, em 2014, O New Development Bank (NDB), para financiar projetos de infraestrutura como produção de energia renováveis, preservação ambiental, redução de elementos que degradam a natureza, combate a fome e a pobreza, para que se tenha maior igualdade. Os recursos de todas as nações que faz parte do bloco, são direcionadas para países pobres e em desenvolvimento de forma prioritária, a partir do momento que cada vez mais países se tornem credores e tomem empréstimos do banco, maior sua evidência e relevância mundial ao longo prazo (TONI JUNIOR, 2014)

O banco é uma alternativa ou pelo menos tem esta prerrogativa com relação ao Banco Mundial e ao FMI para empréstimos aos países emergentes, sediado em Xangai, tem o objetivo de sair da rota elitista: Estados Unidos e Europa. O Banco do BRICS possui suas regras como ceder empréstimos para projetos de inclusão de acordo com seu estatuto, porém esperam que os países cumpram com suas obrigações de credores, todavia em janeiro de 2021, O atual presidente do Congresso Nacional, Rodrigo Maia, em disputa político-ideológica menciona que o Brasil não arcou com seus compromissos com o Banco, o presidente por sua vez coloca a culpa no Congresso que não liberou recursos e não aprovou orçamento suficiente para pagar o banco. Tais fatos correm tanto o banco quanto seus parceiros indo de forma contrária ao desenvolvimento e sustentabilidade entre as nações, quanto a ajuda mútua e projetos de inclusão para reduzir as desigualdades internas no bloco e no mundo (Revista Eletrônica, 2021; LEAL, 2013).

Aspectos semelhantes do bloco, tem-se nações de grande população mundial, como a China e a Índia, com população de 1,5 bilhões e 1,3 bilhões de habitantes, o Brasil com 210 milhões está entre os 8 países mais populosos do mundo, a Rússia com mais de 84 milhões de habitantes é o país mais populoso da Europa e a África do Sul, está entre os países mais populosos da África com 87 milhões de habitantes, porém abaixo de países como a Nigéria e Etiópia, que possuem mais de 100 milhões de nacionais (MALAMUD, 2005).

As métricas de análise do IDH entre países sofreram mudanças ao longo dos anos, mas mantendo as 3 variáveis: renda per capita, saúde e educação e os países são classificados em cinco grupos e por meio de ranking estão entre os grupos de países: de muito alto IDH, de alto IDH, de médio IDH, de baixo IDH e de muito baixo IDH.

Entende-se que a análise de nações heterogêneas em muitos aspectos como os países do BRICS, é melhor entendida ao usar o IDH, pois fornece uma amplitude maior do desenvolvimento de cada nação.

Outra corrente diz que apenas o IDH não mensura com real clareza o desenvolvimento de um país, emergindo a idéia de sustentabilidade ambiental e de felicidade humana, as quais além das três variáveis incluem outras ainda em estudo pelo PNUD como: tecnologia de acessos a Internet, preservação ambiental e felicidade humana, item embora subjetivo, mas que pesquisadores vem desenvolvendo como um norteador do que precisa ser melhorado em um país, exemplo clássico do (Index of Happiness Country), é o Butão, um pequeno país do Himalaia onde a Monarquia dominante substituiu o Produto Nacional Bruto pelo Índice de Felicidade ou de satisfação com a vida, para mensurar as contas nacionais, pois espera o país que quanto maior for a felicidade de seus habitantes, maior será o grau de desenvolvimento de seus nacionais com os serviços prestados pelo governo (TONI JUNIOR, 2019a; 2019b).

Logo, Toni Junior (2013), diz que o IDH é um bom índice de análise do desenvolvimento humano, porém pode ser melhorada, grande questão levantada é quais proxys, ou seja, quais variáveis devem ser incluídas no índice oficial da ONU, mas pode ser melhorado e o que existe embora se tenha dificuldades na sua inclusão e na métrica a ser adotada, não pode ser deixado de lado, exemplo clássico são países que poluem o meio ambiente e devastam suas florestas que se fosse incluído a variável de preservação ambiental sobre emissão de gases que causam o efeito estufa, teriam seus índices de IDH readequados, sendo portando uma “punição”, podendo com isso adotar políticas públicas de contenção a poluição e desmatamento, além de proteção a flora, a fauna, aos mananciais e ao solo.

O índice também pode ser aplicado as regiões metropolitanas, estados, cidades, porém cada espaço geográfico possui sua metodologia dentro do espaço e do tempo, conforme normas da ONU e do PNUD. (NERY, 2008).

Sendo um avanço, ao agregar variáveis sociais, muitos especialistas acredita que o índice pode ser melhorado com a inclusão em sua métrica de cálculo, de outras variáveis como a inclusão digital para retratar com maior fidelidade o grau de desenvolvimento de um país, se incluir a porcentagem de acesso a internet de cada país, será um avanço, a dificuldade está em obter dados confiáveis e na métrica a ser utilizada. Uma nação conectada a globalização e não há meios de falar em globalização sem mencionar o acesso a Internet que gera conhecimento em tempo real para quem a possui e falta de informação para pessoas desconectadas (TONI JUNIOR, 2013).

A quantidade de computadores conectados é uma possibilidade promissora e futura para a melhoria do IDH ao agregar outra variável no contexto social além da saúde e da educação, outras variáveis como meio ambiente, poluição, embora sejam de outra natureza também está conectada a informação, a rede de acessos a internet que cada país possui.

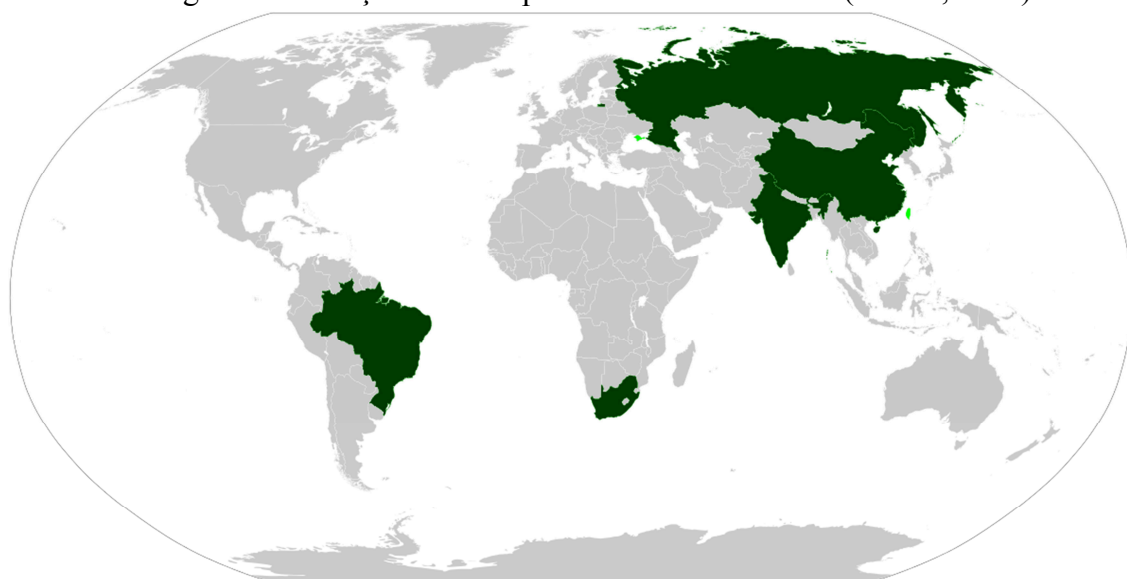
Vemos desta forma, que países de elevado PIB como China e Brasil, declinam no ranking do IDH quando mensurados pelo aspecto do desenvolvimento, devido a desigualdade per capita, encontrada no índice de Gini, onde poucos detêm a riqueza das nações, além de serem países governados com visibilidade política e humanitária pouco clara e falta de transparência no que tange aos direitos humanos indivisíveis pela ONU, de acordo com o gráfico e mapa a seguir.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH)

BRICS
 Fonte: PNUD

49°		Rússia	0,824
79°		Brasil	0,761
85°		China	0,758
113°		África do Sul	0,705
129°		Índia	0,647

Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2019)



Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2019)

A FORÇA DOS BRICS

Conheça os principais indicadores dos 5 integrantes do grupo que totalizam um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 16,5 trilhões, quase o tamanho da economia dos Estados Unidos (US\$ 18 trilhões)

					
	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL
População	208 milhões	144 milhões	1,31 trilhão	1,37 trilhão	55 milhões
PIB (em US\$)	1,8 trilhão	1,3 trilhão	2,1 trilhões	11,0 trilhões	0,3 trilhão
Crescimento (em 2017)	0,2%	1,1%	7,2%	6,5%	0,8%
Inflação (em 2017)	5,0%	4,9%	5,3%	2,3%	5,5%
Desemprego	11,5%	5,9%	*	4,1%	27,0%

Fontes: Banco Mundial e FMI

*NÃO DIVULGADO

Fonte: Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional

Conforme os dados observam que os países do BRICS não possuem papel relevante, quanto analisado sob a vertente do IDH, com melhor posição da Rússia entre seus membros, estão aquém de países como a Noruega, Suécia, Japão e Austrália, o que denota que embora tenham vastos territórios, força de trabalho, Brasil e China entre as maiores economias do mundo, a Rússia como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, estes benefícios, não trouxe aos nacionais do bloco, igualdade no que tange a requisitos de desenvolvimento

humano e sustentável com sérios problemas nas áreas de: saúde, educação, renda per capita, poluição e devastação ambiental, acesso a tecnologia (Internet), onde apenas uma pequena elite possui e uma grande maioria não as possui, sendo países com sérios problemas sociais (TONI JUNIOR, 2014).

A China com 1,5 bilhões de habitantes, com dados extremamente baixos em comparação a sua população e pouca viabilidade de credibilidade em suas informações e a África do Sul com uma estrutura precária nos órgãos de saúde em termos de transparência devido a baixa qualidade de informações devido a tecnologia disponíveis em seu território são fatores que levam a comunidade ao analisar países com grandes populações a ter uma visão reducionista e com cautela em termos de credibilidade e transparência dos dados por elas informados.

Até janeiro de 2021, o Brasil está em terceiro lugar com 7,8 milhões de casos e em segundo lugar no número de mortes com mais de 200 mil em números brutos, a Índia, em segundo lugar no número de casos com mais de 10 milhões, a Rússia em terceiro lugar no número de casos após a recontagem realizada pelo governo. A África do Sul está entre os países africanos com maior incidência de casos (1,3 milhões no dia 07 de janeiro de 2021). Todavia, a China com a maior população mundial, tendo sido o país onde foi detectado inicialmente o vírus na cidade de Wuhan, possui dados controlados quando se compara com o tamanho de sua população e por ter sido o país onde se iniciaram os casos, a qual se passou de local, para endêmico e pandêmico, com pouco mais de (87 mil casos em 07 de janeiro de 2021), mostrando ou a eficácia no controle de um vírus que muitos consideram pouco controlável pois se infecta pelo ar, mesmo com testagens em massa ou subnotificação de dados, o que mais chama a atenção são países como a China, com a maior população mundial do mundo, ter dados satisfatórios no combate a pandemia, um arcabouço que merece atenção.

4 RESULTADOS

Pelo que observamos no texto com informações do nosso cotidiano, diário com a mudança de paradigma em nossas vidas com a pandemia, inicialmente vimos que o bloco ainda não teve a intenção de ser um conjunto de países de cooperação econômica, dado a discrepância entre as nações e as barreiras impostas pela China, a maior produtora mundial, que ao deixar países em desenvolvimento como o Brasil adentrar seu mercado, e em outras áreas poderá perder parte de sua hegemonia mundial.

Logo o bloco dentro do neo-integracionismo e neo-realismo de Hurrell (1995), mostra clara evidência de que ainda mesmo após a Guerra Fria, que ainda os países hegemônicos dominam seus parceiros em diversas formas de bloqueio econômico, tornando o bloco importante mais pelo lobby de serem países com grandes populações mundiais e tendo grandes potências econômicas e militares, mas que até o momento não se traduziu em ajuda, em parceria para a redução das desigualdades econômicas, sociais e ambientais entre seus pares dentro e fora do bloco e que independente de haver o BRICS ou não, a China seria o maior parceiro do Brasil na atual conjuntura econômica por ser a maior economia do mundo construída ao longo das décadas.

Embora haja um banco do bloco para fins de empréstimos a países emergentes como uma alternativa ao FMI e ao Banco Mundial, além de reuniões anuais entre seus membros, ainda há muito a ser feito na redução das desigualdades regionais, sendo a África do Sul um membro advindo posteriormente, uma nação importante para que todos os continentes sejam contemplados no bloco.

Para o Brasil vai além do Mercosul, como menciona Bueno; Ramazini Junior e Vigevani (2014) onde cita a participação brasileira no Mercosul desde a época do Barão do Rio Branco, antes de sua criação e as tentativas de criação de um bloco regional na América do Sul, sendo que embora os países passem por crises econômicas e políticas, no Mercosul se vê parcerias econômicas, logo diferentemente do BRICS é mais integralizador entre seus membros, pela distância, ou seja são países vizinhos, no mesmo continente com características sociais e econômicas parecidas, não deixam de terem conflitos e problemas com mudança de chefes do executivo de cada país, tendo momentos de maior e menor integralização no decorrer dos anos, mas é mais efetivo e que a participação em blocos, deve ser motivo de integralização sustentável e ajuda mútua entre seus membros, não tendo sentido em existir por “status quo”.

CONCLUSÃO

O BRICS desde sua criação tem países de relevância internacional, são cinco nações importantes no contexto nacional, regional e mundial da economia do mundo, mas desiguais em termos históricos, sociais, ambientais e de postura constitucional em muitos pontos divergentes.

Sua representatividade no cenário mundial mostra de início um bloco que pode ir além do que já foi como abertura econômica entre seus membros, abertura e incentivo da força de trabalho por intercâmbio e merecimento entre as nações, maior número de reuniões e criação de parlamentos regionais em cada um de seus países com destaque para a junção de todos para a amenização das desigualdades sociais e ambientais para que se tenha um bloco com parâmetros de sustentabilidade para todos.

Redução da pobreza, maior equidade entre as pessoas de cada país, maior comprometimento em relação com o meio ambiente com energias renováveis, maior apoio e controle de desmatamentos pelos nacionais e pelo bloco acompanhado de crescimento conjunto, podem melhorar a vida de cada habitante do bloco.

Embora cada país tenha sua história, sua religiosidade, seus costumes, sua forma de viver e ver o mundo, todos querem ter sustentabilidade, muitos parâmetros e variáveis não podem ser realizados, dada estas divergências inclusive territoriais quanto suas localizações geográficas, mas podem ir além do que já existe, com ajuda mútua, crescimento equitativo e abertura e ajuda entre seus membros.

REFERÊNCIAS

- Bueno, C., Ramanzini Jr., H., Vigevani, T. (2014) Uma Perspectiva de Longo Período sobre a Integração Latino-americana Vista pelo Brasil. Contexto Internacional, v. 36, n. 2. Julho/Dezembro 2014, pp. 549- 583.
- Caetano, G. (2007) El Mercosur en el cruce de caminos. In Cuadernos del Cendes, vol. 23, nº 63. Caracas: dic. 2006. (p. 27-57).
- Hurrell, A. (1995) O ressurgimento do regionalismo na política mundial. Contexto Internacional, vol. 17, nº 1. Rio de Janeiro: IRI/PUC-Rio, janeiro-junho 1995.
- Leal, L. N. (2013) Inclusão digital no país chega a menos de 50%, diz IBGE. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/inclusao-digital-no-pais-chega-a-menos-de-50-diz-ibge/2/>. Acesso: 19 set. 2019
- Malamud, A., Sousa, L. de. (2005) Parlamentos Supranacionais na Europa e na América Latina: Entre o Fortalecimento e a Irrelevância. In Contexto Internacional, vol. 27, no 2. Rio de Janeiro: PUC, julho/dezembro 2005. (p. 369-409)
- Moreira, I. (2021) Brasil Atrasa Pagamento e Perde do Poder de Voto no Banco do Voto no Banco do BRICS. Revista Economia. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/01/05/brasil-atrasa-pagamento-e-perde-parte-do-poder-de-voto-no-banco-do-brics.ghtml>. Acesso: 07. jan. 2021.
- Nery, M. O IDH percebido. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/24349/O-IDH-Percebido.pdf>. Acesso: 12. Set.2019
- Organização Mundial da Saúde (OMS) (2021) Organização Pan-Americana de Saúde. Folha Informativa Covid19- Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso: 09. jan. 2021
- Toni Jr., C. N. (2010) *Análise do IDH do Brasil, de suas regiões e de outros países: um enfoque comparativo*. 166 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- Toni Jr., C. N. (2014) Globalização e Tendências do Desenvolvimento Humano do Bloco dos Países do BRICS. Revista GeoAtos. Publicado, v.2. n.14. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Rio Claro. São Paulo. 2014.
- Toni Jr., C. N. (2013) *Análise de indicadores metodológicos de sustentabilidade socioambiental*. 273 f. 2013. Tese (Doutorado em Geografia). - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2013.
- Toni Jr., C. N. (2019a) *Geotecnologias aplicadas ao índice de felicidade da região metropolitana de São Paulo*. e ISBN: 978-85-7993-818-4. Autores/Organizadores: Claudio Noel de Toni Junioe e Magda Adelaide Lombardo. Pedro e João Editores. São Carlos.

Toni Jr., C. N. (2019b) Análise socioambiental da região metropolitana de Ribeirão Preto: bem estar e felicidade: Eisbn: 978-85-7993-819-1. Autores/Organizadores: Claudio Noel de Toni Junior e Magda Adelaide Lombardo. Pedro e João Editores. São Carlos.